

A aplicação do conceito de resistência ideológica nas moedas judaicas da primeira revolta dos Judeus contra os romanos

Jorwan Gama da Costa Junior¹

<http://lattes.cnpq.br/9641861980442839>

Resumo:

Este artigo objetiva apresentar que o processo de dominação imperial romana na Judeia não sofreu apenas com as batalhas da primeira revolta dos judeus contra os romanos. Tão importante quanto as batalhas contra os estrangeiros, era reafirmação dos símbolos judeus. A este ato de reafirmação de elementos culturais judaicos, aplicamos o termo cunhado por Edward Said (1995, p.266) “resistência secundária ou ideológica”.

Palavras-chave: resistência; dominação imperial; revolta dos judeus; símbolos culturais; dominação imperial.

Abstract:

This article aims to present that the Roman's process of imperial domination in Judea didn't suffer just with battles of the first jewish revolt against the romans. The reassurance of jewish cultural simbols was as important as the battles against the foreigners. To this action of reassurance of jewish cultural simbols, we aply the concept created by Edward Said (1995, p.266) entitled “ideological or secondary resistance”.

Keywords: resistance; imperial domination; jewish revolt; cultural symbols; imperial domination.

Durante do período de dominação imperial romana na Judeia, é possível notar que os invasores latinos tiveram que lidar com a resistência da população nativa desde o início dos contatos entre os povos, em 168 a.C.², até o ano de 135

¹ Mestre em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC-IFCS-UFRJ).

² A revolta Macabéia marca a entrada dos romanos na região da Judeia. Embora não tenham enviado soldados para ajudar os judeus em suas lutas de libertação do império Selêucida, os romanos, conforme podemos ver no II Livro dos Macabeus, estabelece com este povo um tratado de ajuda-mútua. A partir deste momento, os judeus contam com uma liberdade política que se estenderia até o ano de 63 a.C.

d.C.³ Os dois episódios em que podemos apresentar com maior clareza esta resistência são as duas revoltas judaicas, iniciadas em 66 d.C. e 132 d.C. No entanto, quando nos referimos às revoltas como atos de resistência ao domínio romano estamos levando em consideração apenas uma das aplicações possíveis para o conceito de resistência.

Segundo o autor palestino Edward Said, há dois tipos de resistência: a primária, ou física, e a secundária, ou ideológica. A resistência primária se incumbe da defesa do território físico, da luta entre exércitos nativos e invasores (SAID, 1995: p. 266). Já a resistência secundária objetiva defender a cultura do povo invadido, buscando manter suas práticas culturais após invasão territorial e a dominação estrangeira (SAID, 1995: p. 266). Nas palavras do próprio autor:

Depois do período de “resistência primária”, literalmente lutando contra a intromissão externa, vem o período de resistência secundária, isto é, ideológica, quando se tenta “reconstituir uma comunidade estilhaçada, salvar ou restaurar o sentido e a concretude da comunidade contra todas as pressões do sistema colonial” (SAID, 1995: p.266)

É necessário ressaltar que o processo de dominação imperial acarretava, invariavelmente, um diálogo entre as culturas do dominador e do dominado. Por diversas vezes, os romanos buscaram superar a resistência nativa utilizando novas formas de dominação que não se baseassem apenas na força de suas legiões. Ao deixar de lado a coerção física e partir para novas formas de aproximação, focadas principalmente nas relações entre a elite romana e as elites provinciais, Roma iniciou um processo definido por Gramsci como “negociação colonial” (PORTELLI, 2002: p. 32), que manteve a hegemonia política nas mãos do conquistador mais pela colaboração política que pela coerção física. Entretanto, tais instrumentos de dominação não foram capazes de impedir o surgimento de movimentos de resistência contra a dominação romana na Judeia.

Dessa forma, buscamos apresentar, neste artigo, a eficácia da aplicação do conceito de resistência ideológica na Judeia Romana e sua existência concomitante

Naquele ano, as tropas de Cneu Pompeu invadiram Jerusalém e os romanos passaram a intervir diretamente na política da região.

³ Após a revolta de Bar Kochba, ocorrida entre 132 e 135 d.C., o Imperador Adriano decide expulsar os judeus da cidade de Jerusalém, em 135 d.C. A partir deste momento, não há, na documentação hoje disponível, indícios de que a dominação imperial romana tenha sofrido com revoltas na Judeia como foram as de 66 d.C. e de 132 d.C.

às batalhas entre romanos e judeus durante a primeira revolta judaica, entre 66 d.C. e 70 d.C.

A fim de alcançarmos os objetivos traçados, utilizaremos a análise de conteúdo como apresentada por Laurence Bardin (1977), tendo em vista nossa percepção de que a iconografia não é um retrato objetivo da realidade, mas sim uma construção discursiva repleta de subjetividades, comparável a um texto escrito (CARDOSO e RIBEIRO, 1990, p.1-13). Com o objetivo de analisar as imagens dos exemplares numismáticos de acordo com a metodologia de análise de conteúdo, separamos duas categorias a serem analisadas, a saber: inscrições e símbolos judeus.

Inscrições:

Durante a análise dos exemplares numismáticos da primeira revolta judaica, identificamos que a referência ao ano da revolta foi uma constante. Encontramos, por exemplo, a inscrição “Ano 1” como uma referência à 66 d.C., ano do início da primeira revolta. O exemplar apresentado abaixo⁴ (exemplar número 1) evidencia esta tendência, uma vez que tem em seu reverso a data do ano 4 da revolta (70 d.C.) Mas por que colocar a datação desta forma?

Defendemos que a datação da revolta era importante para os judeus revoltosos demonstrarem, naquele momento, que não mais obedeciam aos romanos. Identificamos, portanto, a tentativa de difundir a revolta entre os judeus, demonstrando a duração do movimento. Ao fazerem questão de evidenciar o tempo da revolta, os responsáveis por essas cunhagens demonstravam seu empenho em libertar os judeus do domínio romano. Percebemos, desse modo, que as inscrições que faziam referência à duração das revoltas apresentavam um duplo propósito. Primeiro, faziam uma reverência à revolta e à sua continuidade no tempo mesmo tendo como adversário o exército romano.

⁴ Este artigo é fruto de minha dissertação de mestrado, em que analiso um número maior de moedas judaicas cunhadas durante as duas revoltas dos judeus contra os romanos. Portanto, todos os exemplares numismáticos aqui apresentados encontram-se em minha dissertação de mestrado, intitulada: *Judaea Romana: negociação e resistência*. Além disso, ressalto que utilizo as fichas catalográficas elaboradas pelo Professor Vagner Carvalheiro Porto em sua tese de doutorado “Imagens Monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana”.

Exemplar número 1:



Anverso

Reverso

- 1) **Autoridade Emissora:** Judeus da Primeira Revolta.
- 2) **Característica de emissão / distinção de status:** “nacionalista”.
- 3) **Datação:** 66-70 d.C. (ano 4 da revolta 69/70 d.C.).
- 4) **Local da emissão:** Jerusalém-Aelia Capitolina – Judeia.
- 5) **Denominação:** Meio Shekel; bronze.
- 6) **Anverso:** palmeira de sete ramos com duas cestas de tâmaras.
Variação do tipo principal: não há.
Tipos secundários de anverso: não há.
Legendas de anverso: em páleo-hebraico, que significa: para a redenção de Sião.
- Reverso:** dois feixes de *lulavs* (palmas) com *ethrog* (cidra) entre eles.
Variação do tipo principal: não há.
Tipos secundários de reverso: não há.
Legendas de reverso: em páleo-hebraico, que significa: ano quatro, meio.
- 7) **Referências:** Carvalheiro, 179.

Outra questão a ser analisada nas inscrições das moedas era a língua utilizada em sua formulação, o hebraico. Segundo Emil Schürer (1995, pp.1-28), na Judeia encontramos uma sociedade onde o aramaico era difundido entre a população em geral, enquanto o grego era falado pelas elites e o hebraico utilizado nas obrigações do templo. Se o aramaico era língua mais difundida na região e o objetivo das moedas era o de fazer a propaganda da revolta, questionamos o porquê da utilização do hebraico e não do aramaico.

Defendemos a ideia de que a utilização do hebraico nas inscrições atendia ao intuito dos revoltosos de ressaltar, constantemente, elementos que faziam

referência à cultura e à religião judaica. Ao utilizarem o hebraico, os responsáveis pelas moedas faziam uma referência direta ao Templo de Jerusalém e à religião judaica. Esses dois elementos não estavam relacionados às facções político-religiosas judaicas específicas, mas sim aos judeus como um todo. Acreditamos que, ao fazerem a referência a elementos da cultura judaica, os responsáveis pelas cunhagens buscavam reforçar os laços que os uniam como povo. Destacamos que estas ações adequam-se, portanto, à nossa compreensão de resistência secundária.

Identificamos, outrossim, inscrições que não faziam referência ao ano da revolta, tratavam-se de frases relacionadas a elementos culturais judaicos, como a cidade de Jerusalém e o monte Sião. A fim de organizar nossas análises, destacamos, a seguir, as inscrições mais recorrentes utilizadas pelos revoltosos nas moedas de da primeira revolta judaica, quais sejam: Jerusalém é santa; Jerusalém a Santa; Liberdade de Sião; Para a redenção de Sião; Jerusalém.

Nas moedas cunhadas durante a primeira revolta, encontramos duas inscrições – “Jerusalém a Santa” e “Jerusalém é Santa” – que serão nosso ponto de partida. Identificamos, em ambos os escritos, uma carga religiosa que visava a reforçar o caráter sagrado da cidade para os judeus. Necessário ressaltar que a cidade era a sede do Templo de Jerusalém, um dos maiores símbolos do judaísmo do século I d.C. Ao reforçar estas mensagens, os revoltosos estreitavam os laços com todos os judeus que tivessem contato com a moeda, uma vez que faziam referência a um local, Jerusalém, importante não só para as facções envolvidas diretamente nas batalhas, mas para o povo judeu como um todo.

Além disso, a partir do momento em que há tropas romanas em Jerusalém, o significado da santidade da cidade passa a ser realçado. Jerusalém seria santa para os judeus, e estaria sendo atacada por estrangeiros. Desse modo, as defesas dos revoltosos estavam a postos não apenas com o objetivo de vencer os romanos e conquistar a liberdade, como também para defender o território considerado sagrado pelos judeus. As duas inscrições apresentadas, segundo nossa análise, remetia a uma crença comum dos judeus, sem fazer distinção entre as diversas facções envolvidas nas batalhas. Isto nos permite afirmar, nesses casos, que as inscrições apontam para a confirmação de nossa ideia de resistência ideológica.

Abaixo, apresentamos um dos exemplares que contem a legenda apresentada acima.

Exemplar número 2:



Anverso

Reverso

- 1) Autoridade Emissora:** Judeus da Primeira Revolta.
- 2) Característica de emissão / distinção de status:** “nacionalista”.
- 3) Datação:** 66-70 d.C. (ano 5 da revolta 70 d.C.).
- 4) Local da emissão:** Jerusalém-Aelia Capitolina – Judeia.
- 5) Denominação:** Shekel; prata.
- 6) Anverso:** taça (de ômer?) com borda larga decorada com uma fileira de nove pequenos pontos.
Variação do tipo principal: não há.
Tipos secundários de anverso: não há.
Legendas de anverso: em páleo-hebraico, que significa: Shekel de Israel.
Data: (= Ano 5 = 70 d.C.).
- Reverso:** haste com três romãs.
Variação do tipo principal: não há.
Tipos secundários de reverso: não há.
Legendas de reverso: em páleo-hebraico, que significa: Jerusalém a Santa.
- 7) Referências:** Carvalheiro,¹⁸².

Identificamos outras duas recorrências nas inscrições das moedas da primeira revolta, quais sejam: “Para a redenção de Sião” (que pode ser visto no primeiro exemplar aqui apresentado) e “Liberdade de Sião”. Estas duas frases possuem um duplo sentido que remete tanto aos acontecimentos que ocorriam naquele instante na Judeia quanto aos elementos da religião judaica.

Quando os responsáveis pela cunhagem das moedas utilizaram as palavras liberdade e redenção faziam uma alusão direta ao objetivo da guerra, qual era: libertar-se do domínio romano. Entretanto, não há como negar que a utilização do termo Sião trazia para os judeus uma referência ao monte que está intimamente

ligado à religião judaica⁵. A redenção de Sião, portanto, não se referenciava somente aos objetivos políticos da revolta, mas também à religião judaica, uma vez que o monte sagrado para os judeus não estaria mais sob dominação estrangeira caso os revoltosos vencessem.

Deste modo, as moedas com as inscrições citadas acima podem ser vistas como propagandas políticas de incentivo à luta pela liberdade, como também uma forma de reforçar as crenças comuns dos judeus, por meio de inscrições que remetiam a símbolos da religião judaica. Devido à propaganda de elementos que referenciavam à cultura dos judeus, podemos, portanto, considerar a inscrição “Para a redenção de Sião” como outro exemplo de resistência secundária dos judeus frente aos romanos.

Símbolos judaicos:

Paul Romanoff ressaltou que houve apenas três períodos de cunhagem de moedas pelos judeus, quais foram: da revolta Macabeia até o governo de Herodes, o Grande; os anos da primeira revolta, 66 -70 d.C; e os anos da segunda revolta, 132 -135 d.C. (1942: p.8). Nas moedas oriundas dessas cunhagens não havia a representação de homens ou animais, sendo os símbolos referentes, em sua maioria, à fertilidade do solo, na primeira revolta, e à celebração de festivais, agricultura e fertilidade, na segunda revolta (ROMANOFF, 1942 p.9).

Selecionamos as representações que aludiam à fertilidade, à agricultura e à religiosidade (celebrações de festivais) e optamos por apresentar e analisar os seguintes símbolos e suas variações⁶: uva; palma; cidra; mirto; haste com 3 romãs.

Dentre os símbolos citados, um que apresenta grande recorrência nas moedas é a romã. É possível encontrá-la no exemplar número 2 apresentado acima. Assim como a uva, a romã seria um símbolo que remontava ao Templo, uma vez que servia como uma das decorações do monumento (Romanoff, 1944 a: p.308). Além disso, tanto Carvalheiro quanto Romanoff concordam que tratava-se de um símbolo de fertilidade.

Desse modo afirmamos que a utilização das imagens de romãs tinham um duplo objetivo. Primeiramente, a larga utilização deste símbolo durante a primeira

⁵ O Templo de Salomão, derrubado pelo Império Babilônico, estava localizado no Monte Sião. O Templo de Jerusalém, construído posteriormente, também é conhecido na historiografia como Segundo Templo.

⁶ Chamo de variações as diferenças entre as representações, por exemplo: a uva é representada por cachos ou por folhas de videira, assim como a palma, que aparece como ramos ou como árvore.

revolta seria uma forma de remontar à religião dos judeus, como alusão ao templo. Enquanto um símbolo de fertilidade, a romã, largamente propagada durante a revolta, representaria a importância da reprodução e manutenção do movimento revoltoso.

Em muitas moedas analisadas encontramos, junto com as imagens das romãs, as inscrições: “Jerusalém é Santa” e “Jerusalém a Santa” (exemplar número 2). Como vimos nas páginas acima, estas inscrições tinham um cunho deveras religioso, que somado à imagem das romãs é reforçado. Dessa forma, as romãs e as inscrições que as acompanham fazem alusão à religião judaica como um todo, sem distinções. Configuram-se, dessa forma, como importante veículo de propagação e manutenção da religião judaica, sendo, por isso, considerado aqui como um elemento de resistência secundária.

Outro elemento recorrente nas moedas é a palma, cujas variações são: ramo de palmeira, palmeira, dois feixes de palma e coroa feita de palmeira. Vagner Carvalheiro apresenta duas explicações para o significado da palma e suas variações. Primeiramente, ela seria um símbolo judaico uma vez que a palma, junto com o mirto, o salgueiro e a cidra, formavam as quatro espécies vegetais que estavam envolvidas no *Sukkot* ou o Festival dos Tabernáculos. Não obstante, a palma já era um elemento recorrente em moedas não-judaicas e tinha um significado helenístico, pois representava a vitória e aparecia nas mãos da deusa Nike (Carvalheiro, 2007: p.141).

Carvalheiro não descarta, porém, a possibilidade dela representar a fertilidade e ter sido usada com esta função nas moedas durante as duas revoltas. Tal interpretação aproxima-se, portanto, de nossas conclusões a respeito das representações da uva e a das romãs feitas anteriormente.

Paul Romanoff (1944 b: 435-438), utilizando-se da *Misnhá*, do *Talmude* e do Pentateuco, indica que a palmeira era uma árvore que representava água na Judeia, justamente por crescer próxima ao litoral. Assim, pode ser vista como sinal de abundância e fertilidade. Ademais, a palma era um dos frutos utilizados no festival do Tabernáculo e servia como ornamento do Templo. O ramo de palma, ainda era utilizado em procissões religiosas, podendo ser visto também como símbolo de vitória e dignidade. Por fim, o caráter sagrado poderia emanar do fato do Templo de Jerusalém ter sido construído sobre um local onde originalmente se encontrava um arvoredo de palmas.

As visões dos dois autores citados acima a respeito da palma são similares, apesar de Romanoff não citar qualquer relação da fruta com características helenísticas. Além disso, Paul Romanoff defende que a palma foi tão representativa

da Judeia que com o passar dos anos até mesmo outros povos passaram a associar a planta à região, como foi o caso dos romanos quando cunharam a série de moedas conhecida como *Judea Capta*. Abaixo, observamos dois exemplares com imagens da palma e de suas variações.

Exemplar número 3:



Anverso



Reverso

1) Autoridade Emissora: Judeus da Primeira Revolta.

2) Característica de emissão / distinção de status: "nacionalista".

3) Datação: 66-70 d.C. (ano 4 da revolta 69/70 d.C.).

4) Local da emissão: Jerusalém-Aelia Capitolina – Judeia.

5) Denominação: um quarto de Shekel; prata.

6) Anverso: três palmas amarradas.

Variação do tipo principal: não há.

Tipos secundários de anverso: não há.

Legendas de anverso: em páleo-hebraico, que significa: um quarto de shekel.

Reverso: coroa feita de ramos de palmeira.

Variação do tipo principal: não há.

Tipos secundários de reverso: não há.

Legendas de reverso: letra páleo-hebraica.

7) Referências: Carvalheiro, 178.

Exemplar número 4:



Anverso



Reverso

- 1) Autoridade Emissora:** Judeus da Primeira Revolta.
- 2) Característica de emissão / distinção de status:** “nacionalista”.
- 3) Datação:** 66-70 d.C. (ano 4 da revolta 69/70 d.C.).
- 4) Local da emissão:** Jerusalém-Aelia Capitolina – Judeia.
- 5) Denominação:** Meio Shekel; bronze.
- 6) Anverso:** palmeira de sete ramos com duas cestas de tâmaras.
Variação do tipo principal: não há.
Tipos secundários de anverso: não há.
Legendas de anverso: em páleo-hebraico, que significa: para a redenção de Sião.
- Reverso:** dois feixes de *lulavs* (palmas) com *ethrog* (cidra) entre eles.
Variação do tipo principal: não há.
Tipos secundários de reverso: não há.
Legendas de reverso: em páleo-hebraico, que significa: ano quatro, meio.
- 7) Referências:** Carvalheiro, 179.

Segundo a historiografia, as facções político-religiosas judaicas envolvidas na primeira revolta, organizavam-se juntas quando as batalhas contra Roma aproximavam-se⁷. Partindo de tal asserção, entrevemos que uma das possibilidades de interpretação da moeda de número 3 passa pelo indicativo de união das correntes judaicas na luta contra o inimigo externo. A união estaria representada pela corda que amarra as palmeiras.

Outra interpretação, no entanto, é possível. Se as palmeiras representavam a religião judaica e encontravam-se amarradas, elas representavam a união da

⁷ Na primeira revolta dos judeus contra os romanos, identificamos as seguintes facções: fariseus, saduceus, essênios, hasmoneus, zelotas, sicários, seguidores de Simão bar Guiora e o grupo capitaneado por Ananus b. Ananus.

religião. Com base nesta afirmação, notamos que mais uma vez não se faz referência a qualquer das facções político-religiosas envolvidas na primeira revolta. Novamente, um símbolo remete aos judeus como um todo e não a um grupo específico.

Em outros exemplares numismáticos (como o de número 4) notamos que as palmeiras estão gerando frutos. Se considerarmos estas palmeiras como símbolos da Judeia, ou do judaísmo, e atrelarmos ao contexto das duas revoltas, podemos concluir que a reprodução de tais frutos indicaria a reprodução da revolta. Ao gerar frutos, a árvore mantém a continuidade da espécie, portanto, como símbolo judaico que fazia menção ao judaísmo, a palmeira dando frutos indicaria que o judaísmo continuaria a se desenvolver mesmo no contexto da guerra.

Além disso, a cesta embaixo da palmeira do exemplar de número 4 faz referência, segundo Romanoff, ao antigo hábito judaico de levar frutas ao festival dos Tabernáculos. Portanto, faz referência a uma característica religiosa dos judeus. Ao propagarem a mensagem de união e de reprodução religião, os responsáveis pela cunhagem de tais moedas atuaram conforme a definição de resistência secundária apresentada anteriormente.

Notamos que a representação da palma, portanto, fazia referência a uma festa religiosa e ao Templo de Jerusalém. No entanto, outros vegetais, como a cidra, também estavam presentes no *Sukkot*. Há, no caso dos exemplares citados, uma reiteração de símbolos que realçam a religiosidade dos judeus, o que aponta para a confirmação de nossa ideia de resistência secundária.

Uma outra característica associada a palma, tanto por Carvalheiro quanto por Romanoff, mas que ainda não foi desenvolvida aqui é o de símbolo da vitória. Isto justificaria a utilização da palmar para a elaboração da coroa feita com folhas dessa planta em nosso exemplar número 3. Nesse caso, seria uma representação da vitória da revolta frente às tropas romanas

Como pudemos ver, as moedas emitidas pelos judeus tinham uma função muito importante dentro da guerra. Primeiramente, eram propagandas políticas dos emissores, uma vez que valorizavam a batalha e realçavam o desejo dos revoltosos em obter a liberdade da Judeia do jugo romano. Além disso, as moedas desempenhavam o relevante papel de propagadoras de símbolos judaicos que representariam a união do povo judeu. Portanto, notamos que os elementos que valorizavam a resistência secundária dos judeus misturavam-se nos exemplares aqui analisados, o que fornece os subsídios para afirmar que o conceito criado por Edward Said pode e deve ser usado no contexto da primeira revolta dos judeus contra os romanos. Por fim, é importante ressaltar a concomitância dos atos de

resistência primária e secundária durante a primeira revolta dos judeus contra os romanos.

Documentação Imagética disponível em:

PORTO, Vagner Carvalheiro. **Imagens Monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana**. Tomos I e II. Vagner Caravilheiro Porto .– (Tese de doutorado) São Paulo: sn, 2007.

COSTA JUNIOR, Jorwan G. **Judaea Romana: Negociação e Resistência**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: 2010. 189 p.

Bibliografia:

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARDOSO, C. F. S. A semiótica textual e a busca do sentido. In: **Narrativa, Sentido e História**. SP, Papirus, 1997.

CHEVITARESE, A. L.; CORNELLI, G. **Judaísmo, Cristianismo, Helenismo**. Ensaios sobre Interações Culturais no Mediterrâneo Antigo. São Paulo: Annablume, Fapesp: 2007.

_____. (orgs.) **A descoberta do Jesus Histórico**. São Paulo: Paulinas, 2009.

ECK, W.. The Bar Kokba Revolt: the Roman point of view. In: **The Journal of Roman studies**, Vol. 89. Society for the promotion of Roman Studies, 1999. pp. 76-89.

PORTELLI, H.. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ROMANOFF, P. Jewish Symbols on Ancient Jewish Coins. In: **The Jewish Quarterly Review**, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. Vol. 33, No. 4 pp. 1-15, jul.1942. Disponível em: www.jstor.org Acessado em: 14 set. 2009

_____. Jewish Symbols on Ancient Jewish Coins. In: **The Jewish Quarterly Review**, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. Vol. 33, No. 4 pp. 435-444, abr. a1943. Disponível em: www.jstor.org Acessado em: 12 ago. 2009

_____. Jewish Symbols on Ancient Jewish Coins. In: **The Jewish Quarterly Review**, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. Vol. 34, No. 2

pp. 161-177, out. b1943. Disponível em: www.jstor.org Acessado em: 12 ago. 2009

_____. Jewish Symbols on Ancient Jewish Coins. In: **The Jewish Quarterly Review**, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. Vol. 34, No. 3 pp. 299-312, jan. a1944. Disponível em: www.jstor.org Acessado em: 12 ago. 2009

_____. Jewish Symbols on Ancient Jewish Coins. In: **The Jewish Quarterly Review**, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press. Vol. 34, No. 4 pp. 425-440. abr. b1944. Disponível em: www.jstor.org Acessado em: 12 ago. 2009

SAID, E. W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SAID, E. W. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

SALDARINI, A. **Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese**. São Paulo: Paulinas, 2005.

SCHÜRER, E.. **The History of the Jewish People in the age of Jesus Christ (175 b.C. – 135 A.D.)**. Edinburg: T & T Clark LTD, 1995.